

COMUNICAÇÕES LIVRES

Moderador: Mónica Pires

ESTILOS DE AUTORIDADE PARENTAL, PRÁTICAS PARENTAIS E AUTOEFICÁCIA

Mónica Taveira Pires
Centro de Investigação em Psicologia
Universidade Autónoma de Lisboa
(mpires@autonoma.pt)

Grazielle Antunes da Silva



This article was funded by national funds through FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia - as part the project CIP/UAL - Ref^a UID/PSI/04345/2019.

RESUMO

Neste estudo transversal pretendemos averiguar a relação entre Estilos de Autoridade Parental (EAP), Práticas Parentais (PP) e Autoeficácia Parental (AP), numa amostra de 60 casais, pais de crianças de 3-10 anos ($M=6.3$; $DP=1.5$). Os 120 participantes, seleccionados de forma não probabilística, entre os 24-56 anos ($M=38.4$; $DP=5.9$), maioritariamente com estudos superiores (mães=62.1%;

pais=61%), responderam aos questionários, sociodemográfico, Questionário de Estilos Parentais para Pais -PAQ-P, Questionário de Práticas Parentais -QPP e Escala de Autoeficácia Parental-EAP. Encontramos correlações positivas significativas entre a autoritatividade, parentalidade positiva e AP; sucedendo inverso com os EAP permissivo e autoritário. Para as mães, a permissividade e a disciplina rígida predizem significativamente uma menor AP (28%, $F_{(2,58)} = 12.721, p < .001$); para os pais mais expectativas claras/monitorização e menor rigidez na educação predizem a autoeficácia (36.1%, $F_{(3,55)} = 11.915, p < .001$). As mães obtêm valores estatísticos significativamente mais elevados do que os pais na dimensão de autoeficácia positiva. Ter mais filhos exerce um efeito na percepção de AP. Os pais consideram-se maioritariamente autoritativos, e com práticas parentais positivas (expectativas claras, monitorização e disciplina apropriada). Os resultados significativos encontrados sugerem a pertinência de estudar a relação entre as variáveis na perspetiva dos elementos do pai e da mãe numa amostra mais alargada. O EAP autoritativo, coerente com práticas parentais positivas, ajuda a estabelecer o clima familiar promotor do desenvolvimento da criança, percecionando-se os pais como mais eficazes na sua função parental.

Palavras-chave: Parentalidade; Estilos de Autoridade Parental; Práticas Parentais; Autoeficácia Parental.

INTRODUÇÃO

Os estilos de autoridade parental (EAP), enquanto padrões consistentes de educação adotados pelos pais no relacionamento com os seus filhos, definindo o clima emocional familiar onde decorrem as práticas e os comportamentos parentais (Baumrind, 1971; Darling & Steinberg, 1993), têm sido abordados ao longo das últimas cinco décadas. Os primeiros estudos de Baumrind (1966, 1971, 1978), revelaram a sua importância do equilíbrio entre controlo/exigência e responsividade exercida pelos pais na educação dos filhos e o seu impacto no ajustamento e socialização da criança. O controlo está relacionado com as expectativas dos pais em relação aos filhos, com a monitorização do comportamento face a regras, e a disciplina consistente, enquanto que a responsividade implica a sensibilidade e o afeto dos pais ajustado às características, singularidade e necessidades desenvolvimentais dos filhos. Da combinação das duas dimensões resulta o modelo tripartido de EAP autoritário pouco promotor da autonomia (elevado controlo e baixa responsividade), o autoritativo promotor da autonomia e independência (controlo e responsividade equilibrados) e o permissivo (baixo controlo e elevada responsividade). Mais tarde são propostos outros tipos de permissividade indulgente, negligente (baixo controlo e elevada responsividade) ou inconsistente (Maccoby, & Martin, 1983). Os pais podem adoptar maioritariamente um EAP ou adotarem um estilo misto, dependendo das suas crenças, valores, características pessoais como personalidade, sintomatologia, idade, género ou escolaridade e culturais/contextuais (Belsky, Bakermans-Kranenburg, & van Ijzendoorn, 2007; Darling & Steinberg, 1993; Egeli & Rinaldi, 2016). A oscilação entre EAP opostos está associada a um impacto negativo no desenvolvimento dos filhos (Pires, 2011).

O EAP autoritativo tem sido considerado como promotor do desenvolvimento e autonomia dos filhos e predominante nas culturas ocidentais e em contextos culturais individualistas, enquanto que o autoritário predominante em contextos coletivistas, está associado um maior ajustamento de desempenho escolar. Os estilos parentais autoritário e permissivo, práticas parentais ríspidas, coercivas ou inconsistentes, têm sido associados a problemas psicológicos internalizados e exteriorizados, a uma menor autoestima e a um menor desempenho académico, ao contrário do EAP Autoritativo (McKinney & Brown, 2017; Pinquart, 2017).

Os pais portugueses são percepcionados maioritariamente como autoritativos, exercendo um impacto positivo da adaptação dos filhos e com menores níveis de stresse, ajustamento (Gaspar & Paiva, 2004; Maccoby & Martin, 1983; Morgado, Maroco, Miguel, Machado, & Dias, 2006; Pires, Hipólito & Jesus, 2014; Pires & Paz, 2016; Silva, Morgado, & Maroco, 2012. Nunes e Mota em 2017, verificaram que, mediados pela vinculação, a permissividade e o autoritarismo dos pais se associam a valores mais elevados no questionário de ideação suicida, sublinhando a importância do EAP autoritativo para o estabelecimento de um clima seguro emocionalmente.

As práticas educativas parentais (PP) podem ser determinadas pelos EAP, padrões mais consistentes de socialização, são, no entanto, mais voláteis e sujeitas às circunstâncias em que ocorrem, podendo de ser incongruentes com o modelo de parentalidade do pai ou da mãe. Hoffman (1994) definiu o conceito de práticas educativas parentais, como a interação entre pais e filhos e as estratégias educacionais, de disciplina, desencadeadas com o objetivo de socializar as crianças. As PP podem ser divididas em no tipo ríspido coercivo (como a afirmação de poder pela punição corporal; ou pela ameaça da retirada de afeto) ou indutivo (não-coercivo através do recurso ao diálogo, ao esclarecimento e explicação de regras, expectativas face às suas ações, disciplina e consequências das transgressões de acordo com a idade da criança). As PP coercivas estão associadas a um menor ajustamento da criança, as PP indutivas estão associadas a uma melhor interiorização dos valores dos pais; desenvolvimento moral e culpa face às transgressões (Spera, 2005; McKinney, Brown & Malkin, 2018).

De acordo com Baumrind (1966), os pais autoritários são muito exigentes, impõem regras restritas, valorizam a obediência, dispensam pouca atenção às necessidades emocionais, não promovem a independência e individualidade, e recorrem a medidas punitivas para controlar o comportamento dos filhos. Para os pais autoritativos o afeto e a compreensão associam-se a um controlo consistente e assertivo estabelecendo limites e regras de forma clara, mas com a flexibilidade necessária às características dos filhos, da transmissão de expectativas claras e do diálogo, com abertura para uma comunicação fluída e aberta (Ceconello, Antoni & Koller, 2003; Pacheco, Silveira & Schneider, 2008). Os pais permissivos exigem pouca responsabilidade dos filhos, monitorizam pouco o seu comportamento, atribuindo aos filhos a capacidade de regular o seu próprio comportamento, são benevolentes aos impulsos, desejos e ações da criança, tendendo a não os responsabilizar ou a punir (Baumrind, 1971). Segundo Gomide (2006), as práticas indutivas, implicam uma monitorização positiva através do diálogo, e as coercivas, consideradas negativas, incluem uma disciplina ríspida, permissiva ou inconsistente, acompanhadas de carência de atenção e de afeto. Pinquart (2017) numa meta-análise com 1435 estudos, verificou que os EAP marcados pelo controlo ríspido, exercido fisicamente ou psicologicamente mediante práticas parentais coercivas estão associados a problemas psicológicos exteriorizados (ex. problemas de comportamento e oposição e agressividade).

Resultados de estudos anteriores sublinham a relevância da associação entre os EAP, PP e Autoeficácia Parental (AP), como indicadores relevantes para a qualidade da parentalidade. A autoeficácia parental de Bandura (1997), é concebida mediante a percepção de domínio e controlo das situações; experiência vicariante, persuasão verbal e suporte, e estados afetivos ou fisiológicos associados. A AP tem sido associada a um melhor desenvolvimento da criança, mesmo na fase de transição para a parentalidade (Bandura 1997; Pinto, Figueiredo, Pinheiro & Canário, 2016). O sentimento de eficácia da mãe e do pai na sua função parental dependerá da forma como avalia e perceciona sua interação quotidiana com os filhos, o comportamento dos mesmos face às expectativas dos pais e o seu desenvolvimento

e ajustamento. A percepção de eficácia parental positiva ou negativa, poderá ser determinada pelas PP e EAP onde estas ocorrem (Brites, Martins & Nunes, 2011; Egeli & Rinaldi, 2016; Meunier & Roskam, 2009). Sanders e Woolley (2004) verificam, num estudo com grupos clínico vs não clínico de mães, a relação entre as PP permissivas e inconsistentes, e a autoeficácia parental no controlo de comportamento. A idade e o género dos pais e dos filhos são apontados como exercendo um impacto nas variáveis em estudo (McKinney, Brown & Malkin, 2018). Cheung, Boise, Cummings e Davies (2018), confirmaram os resultados de estudos anteriores, que associam tanto para os pais como para as mães de crianças em idade escolar, as PP positivas a um maior ajustamento dos filhos a menos problemas internalizados e exteriorizados; exercendo as PP negativas e inconsistentes o efeito inverso. Os autores sublinham a importância do diálogo emocional, nomeadamente para as mães, ao exercer um efeito atenuante entre PP negativas e problemas de ajustamento dos filhos. Sugerem a relevância de incluir ambos os pais, pois contribuem para o clima familiar e para o desenvolvimento da criança de forma distinta.

Já na adolescência, a monitorização tende a diminuir (Egeli & Rinaldi, 2016) e depende da área de domínio onde o controlo é exercido. PP baseadas na monitorização associa-se ao maior ajustamento. Sorkhabi & Middaugh (2019) sugerem a continuidade dos estudos sobre PP e AP ao verificarem que as PP coercivas, como a hostilidade verbal, estavam associadas um pior ajustamento dos adolescentes, mas de igual forma ao domínio moral no caso das práticas punitivas. No presente estudo de corte transversal pretendemos analisar as correlações e efeito dos Estilos de Autoridade Parental e das Práticas Parentais na Auto eficácia Parental e as diferenças segundo a função parental numa amostra portuguesa de 120 pais com filhos em idade escolar. Colocamos como Hipóteses 1) Estilos de Autoridade Parental, Práticas Parentais e Auto eficácia Parental estão correlacionados; 2) Estilos de Autoridade Parental e as Práticas Parentais são preditores da Auto eficácia Parental; 3) Há diferenças de género nos Estilos de Autoridade Parental; 4) nas Práticas Parentais; 5) e na Auto eficácia Parental.

MÉTODO

Participantes

O grupo de 60 casais ($N = 120$), pais de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 10, da área da grande Lisboa, foram selecionados de forma não aleatória. Com idades compreendidas entre os 24 e os 56 anos ($M = 38.4$; $DP = 5.9$), encontravam-se à data casados (85.8%) ou numa relação marital tendo entre um a dois filhos ($M = 1.94$). Na sua maioria concluíram estudos superiores (mães 62.1%; pais 61%) encontrando-se maioritariamente empregados (mães 96.6%; pais 94.6%). Os 60 pais e 60 mães, após o consentimento informado e esclarecido, responderam separadamente aos questionários em papel (questionário sociodemográfico; PAQ-P; QPP e EAP). Foram respeitados todos os procedimentos e cuidados éticos e deontológicos relativos ao estudo de variáveis psicológicas.

Instrumentos

Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P) (Pires, et al., 2011): Uma adaptação do *Parenting Styles Questionnaire de Buri* (1991, citado por Pires, 2011) para resposta aos pais permitindo um hetero relato pais-filhos. Os 30 itens respondidos numa escala de Likert de 5 pontos, dividem-se em 3 sub-escalas: EAP Autoritário ($\alpha = .77$), EAP autoritativo ($\alpha = .83$) e EAP permissivo ($\alpha = .75$), resultado cada um do somatório dos respetivos itens. O PAQ-P revelou valores de consistência interna adequados ao presente estudo ($\alpha = .70$; $\alpha = .83$; $\alpha = .77$ respetivamente).

Questionário de Práticas Parentais (QPP) (Santos et al., 2014) O QPP é composto por duas escalas: Parentalidade positiva com quatro dimensões (Disciplina Apropriada; Parentalidade Positiva; Expectativas Claras; Monitorização); e Parentalidade negativa com três dimensões (Disciplina Rígida; Disciplina Rígida para a Idade e Disciplina Inconsistente) (Santos et al., 2014). Os valores de consistência interna encontrados revelam a adequação da escala à amostra em estudo: Parentalidade + ($\alpha = .860$; DA $\alpha = .84$; PP $\alpha = .68$; EC $\alpha = .79$; M $\alpha = .58$); Parentalidade - ($\alpha = .72$; DR $\alpha = .73$; DRI $\alpha = .70$; DI $\alpha = .63$)

Escala de Autoeficácia Parental (Brites, et al. 2011) é composta por 44 itens respondidos numa escala de Likert de 5 pontos acerca da percepção das competências e desempenho enquanto pais. Autoeficácia + (Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento; Equilíbrio independência-segurança). e Autoeficácia - (permissividade-negligência-desinteresse; Controlo negativo). As diferentes subescalas apresentam valores adequados de consistência interna AP + ($\alpha = .86$; D $\alpha = .85$; EI $\alpha = .51$); AP - ($\alpha = .83$; PND $\alpha = .83$; C- $\alpha = .56$). Após a limpeza de dados e análise de dados em falta, realizámos análises descritivas, correlações Pearson; regressão linear hierárquica, teste t de Student para amostras independentes e teste Mann-Whitney recorrendo ao software SPSS v.24 (IBM, INC.). Estabelecemos o valor de $p < .05$ como indicador da significância estatística, comumente estabelecida para os estudos em psicologia.

Resultados

Os valores descritivos das medidas indicam para a amostra total, o EAP autoritativo é prevalente ($M=41.02$, $DP=4.97$), seguido do autoritário ($M=29.79$, $DP=5.38$) e do permissivo ($M=22.50$, $DP=5.73$). São também as PP indutivas as que apresentam valores mais elevados ($M=4.52$, $DP=0.56$) comparativamente com as PP - ($M=2.87$, 0.45), assim como a AP + ($M=8.48$, $DP=1.07$) face à AP - ($M=4.86$, $DP=1.20$).

Confirmamos a hipótese 1), para as mães (tabela 1) verificamos que a permissividade correlaciona positivamente de forma significativa com a disciplina rígida (DR) e inconsistente, com AP negativa e permissividade, e correlacionando-se inversamente com as PP Expectativas Claras (EC) e Monitorização e com todas as dimensões da AP. A autoritatividade correlaciona-se positivamente de forma significativa com todas as PP positivas e as dimensões positivas da AP; enquanto que o autoritarismo com as PP negativas (Disciplina rígida e rígida para a idade e com uma AP negativa). No grupo de pais (tabela 2) os resultados são menos expressivos (tabela 1). Verificamos uma correlação significativa positiva com a DI, AP negativa e permissividade e de forma negativa com as EC, M e as atitudes de promoção do desenvolvimento. A autoritatividade dos pais correlaciona-se positivamente de forma significativa com todas as práticas parentais positivas DA EC e M e com as dimensões positivas da AP; e o autoritarismo com as PP negativas, disciplina rígida e desadequada para a idade. O número de filhos exerce um efeito nos Estilos e Práticas e auto eficácia parental percebida. Para as mães, o número de filhos correlaciona-se de forma positiva com o EAP autoritário, DRI e EC ($r = .46$, $p = .011$; $r = .32$, $p = .001$; $r = .37$, $p = .003$); Já para os pais, com o estilo autoritário, DRI, DA e EC ($r = .31$, $p = .017$; $r = .32$, $p = .015$; $r = .292$, $p = .025$; $r = .430$, $p = .001$).

Tabela 1. Estilos Parentais, Práticas Parentais e Auto eficácia das Mães (n = 60)

	Práticas parentais									Estilos parentais		
	DR	DRI	DI	DA	PP	EC	M	PN	PPT	P	Att	Aut
Estilos parentais												
Permissivo	.35**	.02	.37**	-.23	-.05	-.45**	-.43**	.34**	-.29*			
Autoritativo	-.38**	.07	-.49**	.48**	.29*	.50**	.63**	-.35**	.58**			
Autoritário	.28*	.41**	-.13	.22	.18	.14	.09	.38**	.23			
Autoeficácia parental												
Desenvolvimento	-.30*	-.24	-.28*	.13	.01	.29*	.61**	-.41**	.24	-.34**	.54**	-.11
Equilíbrio	-.30*	-.03	-.43**	.18	.09	.36**	.47**	-.34**	.27*	-.28*	.50**	.05
Positiva	-.33**	-.14	-.39**	.17	.05	.36**	.59**	-.41**	.28*	-.34**	.57**	-.03
Permissividade	.48**	.11	.48**	-.19	-.03	-.38**	-.50**	.51**	-.26*	.52**	-.49**	.27*
Negativa	.43**	.12	.30*	-.04	.19	-.22	-.13	.43**	1	.33**	-.17	.34**
Controlo	.27*	.09	.11	.06	.25*	-.06	.13	.25*	.15	.13	.07	.28*
Total	-.48**	-.16	-.41**	.11	-.12	.33**	.37**	-.52**	.14	-.41**	.39**	-.27*

Nota. Valores de correlação bi-caudal; significância estatística * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$; DR- Disciplina Rígida; DRI-Disciplina Rígida para Idade; DI-Disciplina Inconsistente; DA-Disciplina Apropriada; P- Parentalidade +; EC-Expectativas Claras; M-Monitorização; PN-Parentalidade -; PPT-Parentalidade +Total; P-Permissivo; Att-Autoritativo; Aut-Autoritário

Tabela 2. Estilos Parentais, Práticas Parentais e Autoeficácia Pais (n = 60)

	Práticas parentais									Estilos parentais		
	DR	DRI	DI	DA	PP	EC	M	PN	PPT	P	Att	Aut
Estilos parentais												
Permissivo	.12	-.06	.31*	.04	.20	-.34**	-.27*	.13	-.02			
Autoritativo	-.14	.00	-.19	.37**	.26	.51**	.45**	-.15	.50**			
Autoritário	.27*	.27*	-.01	.19	.24	.30*	-.02	.33*	.24			
Autoeficácia parental												
Desenvolvimento	-.19	-.23	-.21	.22	.01	.49**	.45**	-.32*	.31*	-.30*	.50**	.10
Equilíbrio	-.12	-.07	-.12	.16	.29*	.25	.30*	-.15	.32*	.05	.39**	.13
Positiva	-.17	-.14	-.18	.22	.26*	.39**	.43**	-.25	.39**	-.07	.52**	.15
Permissividade	.41**	.09	.29*	-.11	.07	-.38**	-.35**	.40**	-.18	.55**	-.22	.14
Negativa	.41**	.02	.23	-.04	.19	-.33*	-.25	.33**	-.05	.52**	-.16	.13
Controlo	.30*	-.05	.12	.03	.25	-.20	-.11	.20	.06	.36**	-.07	.08
Total	-.36**	-.11	-.26*	.18	.08	.48**	.46**	-.38**	.31*	-.35**	.47**	.04

Nota. Valores de correlação bi-caudal; significância estatística * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$; DR- Disciplina Rígida; DRI-Disciplina Rígida para Idade; DI-Disciplina Inconsistente; DA-Disciplina Apropriada; P- Parentalidade +; EC-Expectativas Claras; M-Monitorização; PN-Parentalidade -; PPT-Parentalidade +Total; P-Permissivo; Att-Autoritativo; Aut-Autoritário

A fim de verificarmos se os Estilos e as Práticas Parentais são preditores significativos da Autoeficácia Parental das mães (Hipótese 2) recorremos ao modelo de regressão linear múltipla com o método *Stepwise*. A hipótese foi confirmada no grupo de mães com o estilo permissivo ($\beta = -.098, p = .019$) e a Disciplina rígida ($\beta = -1.160, p = .002$) como preditores significativos da autoeficácia parental, contribuindo para um sentimento de menor autoeficácia. O modelo explica 28.1% da variância da AP [$F_{(2,58)} = 12.721, p < .001$]. Também nos pais o modelo foi confirmado com as variáveis Expectativas Claras ($\beta = .501, p = .005$), Monitorização ($\beta = .811, p = .009$) e a Disciplina Rígida ($\beta = -.765, p = .020$) a explicarem 36.1% da variância [$F_{(3,55)} = 11.915, p = .001$].

Tabela 3. Regressão Linear Hierárquica método Stepwise

	Autoeficácia parental			
	R2	ΔR2	β	B
Mães Modelo 1	.305	.281		
PP Disciplina Rígida			-1.160	-.385**
EAP Permissivo			-.098	-.282*
Pais Modelo 2	.394	.361		
PP Expectativas Claras			.501**	.332
PP Monitorização			.811**	.304
PP Disciplina Rígida			-.765*	-.257

Nota. Significância estatística * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Quanto à comparação segundo a função parental, as hipóteses 3) 4) e 5) não foram confirmadas (tabela 4). As diferenças relativas à percepção dos estilos de autoridade parental práticas parentais e respetiva auto eficácia não foram significativas estatisticamente (todos os p 's $> .05$). Apenas na dimensão da AP +, verificamos que as mães referem adotar mais atitudes promotoras do desenvolvimento dos filhos dos que os pais [$t_{(118)} = 2.037, p = .044, (4.55 \text{ vs } 4.38)$].

DISCUSSÃO

Os resultados encontrados são concordantes com os de estudos anteriores realizados em culturas ocidentais e em Portugal, em que se verificou com uma prevalência do estilo de autoridade parental autoritativo, nesta amostra seguido pelo autoritário e pelo permissivo (Gaspar & Paiva, 2004; Morgado, et al., 2006; Nunes & Mota em 2017; Pires, et al., 2014; Pires & Paz, 2016; Silva, et al., 2012). Apesar do impacto dos estilos de autoridade dos pais não se verificar de igual forma em todos os contextos culturais (ex.: culturas coletivistas, asiáticas e afro-americanas) a autoritatividade dos pais tem sido associada a um melhor ajustamento social, emocional e académico dos filhos (McKinney & Brown, 2017, Pinquart, 2017).

O EAP autoritativo, coerente com práticas parentais positivas, ajuda a estabelecer o clima familiar promotor do desenvolvimento da criança, percecionando-se os pais como mais eficazes na sua função parental. Os resultados encontrados neste estudo revelam que estilos, práticas e o sentimento de autoeficácia dos pais se correlacionam. Os pais adotam práticas parentais positivas e indutivas congruentes com a sua autoritatividade, nomeadamente exercendo uma disciplina apropriada, o estabelecimento de regras e de expectativas claras para o comportamento dos filhos e respetiva monitorização. Os resultados elucidam quanto à consistência da adoção de um EAP, padrão ideal de parentalidade, e a sua concretização e avaliação de eficácia na socialização dos filhos no quotidiano, em situações específicas e mais permeáveis aos contextos onde ocorrem. Esta conjugação verificada nas correlações encontradas, está associada a uma percepção de maior eficácia no exercício da função parental sucedendo o inverso com os estilo permissivo e práticas rígidas associadas ao estilo autoritário.

A percepção de maior eficácia, presente quando as expectativas dos pais em relação ao desenvolvimento dos filhos são supridas, é favorecida pela adoção de práticas consistentes com uma parentalidade positiva (Mondin, 2008). O exercício da parentalidade de forma mais autoritária é consistente com a adoção de práticas parentais mais ríspidas e coercivas, podendo implicar uma menor percepção de eficácia na educação dos filhos. Se para as mães a permissividade e a adoção de disciplina rígida, explica a diminuição da sua percepção de autoeficácia, para os pais, foram as práticas parentais positivas, que revelaram ser preditores relevantes para a percepção de maior autoeficácia. A adoção de comportamentos parentais coercivos, rígidos, permissivos ou inconsistentes é considerada como pouco promotora do desenvolvimento da criança, com possíveis implicações negativas para o seu ajustamento, despoletando nos pais a percepção de menor eficácia na tarefa de educar os filhos percecionadas (Pires, 2011; Sanders & Woolly; 2005).

À exceção das práticas de Promoção do Desenvolvimento dos filhos, não verificámos outras diferenças significativas na função parental exercida por pais e mães. Estudos anteriores verificaram diferenças de género em variáveis parentais (McKinney, et al., 2018). Meunier e Roskam (2009) também observaram que as mães se percecionavam com mais competências parentais positivas no afeto, responsividade, empatia, do que os pais. A constatação neste estudo de apenas uma diferença estatisticamente significativa poderá ser compreendida à luz da evolução económica, social e cultural quanto ao papel do homem e mulher, nomeadamente, no seio da família portuguesa nas últimas décadas. O papel do homem anteriormente associado à manutenção das regras, estabilidade e disciplina, está gradualmente mais envolvido na educação dos filhos. Também a mulher exerce um papel mais ativo no contexto laboral, implicando uma maior equidade na distribuição de tarefas parentais e domésticas. Os resultados encontrados sublinham a importância de incluir ambos os membros do subsistema parental nos estudos de família. Esta necessidade torna-se mais premente quando crescem os membros da família. O número de filhos exerce um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na auto eficácia percebida. Quanto mais filhos mais autoritários e com necessidade de estabelecer mais regras e clarificar expectativas adotando uma maior rigidez na disciplina em casa. Quanto maior o número de filhos mais os pais poderão recorrer a práticas parentais negativas, físicas ou psicológicas de forma mais ou menos incongruente ou inconsistente (Alarcão, 2006).

Este estudo contribui para a compreensão do conceito de parentalidade na perceptiva de pais e de mães portugueses, elucidando quanto à relação consistente quanto à autoritatividade dos pais e as práticas parentais positivas, consideradas benéficas para o ajustamento das crianças, com um efeito positivo na percepção de auto eficácia parental. Assim como para a relação concordante entre os estilos de autoridade parental autoritário e permissivo, e as práticas parentais coercivas ou inconsistentes. Os resultados obtidos nesse estudo,

ênfatisam a importância de continuar a aprofundar a relação entre estas e outras variáveis parentais, individuais e contextuais. A inclusão de díades parentais e filiais com o objetivo de aceder às percepções dos diversos membros da família, enriquecerá a compreensão da parentalidade resultante da interação quotidiana e complexa entre os elementos dos diversos subsistemas familiares.

Limitações

Ao tratar-se de um estudo de corte temporal transversal, não podemos estabelecer relações de verdadeira influência causal. Não obstante, na complexa dinâmica familiar, a relação entre variáveis parentais e individuais relativas aos filhos é de natureza circular e não linear. Estudar longitudinalmente a evolução da parentalidade, ao longo das etapas de desenvolvimento dos filhos e do ciclo de vida familiar em estudos futuros ajudará a compreender a evolução dos EAP, PP e da percepção de auto eficácia dos pais face aos desafios da parentalidade vivenciados. No âmbito do presente estudo, análises estatísticas mais sofisticadas serão realizadas com uma amostra mais alargada, permitindo testar o modelo de predição com maior segurança. Também a partilhada de valores entre membros da mesma família deverá ser considerada como fonte de enviesamento. Em linha com a perspectiva sistêmica, é relevante estudar o grau de concordância entre o relato dos estilos de autoridade parental e práticas parentais entre a díade parental e nas díades pai-filho/a e mãe-filho/a, a fim de verificar o efeito do género nas consequências para a criança, nomeadamente no seu ajustamento psicológico e adaptação social.

REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2006). (Des)Equilíbrios familiares (3ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Albanese, A. M.; Russo, G. R. & Geller, P. A. (2019). The role of parental self-efficacy in parent and child well-being: A systematic review of associated outcomes. *Child: Care, Health & Development*, 45 (3), 333-363. Doi: 10.1111/cch.12661
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1), 1-103. doi:10.1037/h0030372
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9(3), 239-272.
- Baumrind, D. (1991). Effective parenting during the early adolescent transition. In P. A. Cowan & E. Hetherington (Eds.), *Family transitions* (pp. 111–163). Hillsdale, NJ, USA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Belsky, J., Bakermans-Kranenburg, M. & van Ijzendoorn, M. H. (2007). For better and for worse – differential susceptibility to environmental influences. *Current Directions in Psychological Science*, 16 (6), 300-304
- Brites, R., Martins, H. & Nunes, O. (2011). Escala de autoeficácia parental: Validação e estudos metodológicos. In *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/ XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 743-759). Lisboa, Portugal: Sociedade Portuguesa de Psicologia
- Buri, J. R. (1991). Parental authority questionnaire. *The Journal of Personality. Assessment*, 57(1), 110-119.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Cheung, R. Y.M., Boise, C., Cummings, E. M. & Davies, P. T. (2018). Mothers' Emotion Socialization as Predictors. *Journal of Child & Family Studies*, 27(12), 4033-4043. Doi: 10.1007/s10826-018-1214-1
- Coleman, P. & Karraker, K. H. (1997). Self-efficacy and parenting quality: findings and future applications. *Developmental Review*, 18, 47–85.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*. 113, 487–496.
- Egeli, N. A. & Rinaldi, C. M. (2016). Facets of Adult Social Competence as Predictors of Parenting Style. *Journal of Child Family Studies* 25, 3430–3439. Doi: 10.1007/s10826-016-0484-8
- Gaspar, M. F. & Paiva, P. S. (2004). *Parenting practices and children's socio- emotional development: A study with Portuguese community preschool age children* (sd.) Retrieved from <http://www.incredibleyears.com/Library/items/parenting-practices-lift-portuguese-04.pdf>
- Gomide, P. I. C. (2006). *IEP: Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico-manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology*, 30(1), 26-28.
- Maccoby, E.E., & Martin, J.A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E.M. Hetherington (Ed.). *Handbook of child psychology* (Vol.4): Socialization, personality, and social development (pp. 1- 101). New York, NY, USA: Wiley
- McKinney, C. & Brown, K. (2017). Parenting and emerging adult internalizing problems: Regional differences suggest southern parenting factor. *Journal of Child and Family Studies*, <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0749-x>.
- McKinney, C.; Brown, K. & Malkin, M. L. (2018). Parenting Style, Discipline, and Parental Psychopathology: Gender Dyadic Interactions in Emerging Adults. *Journal of Child Family Studies*, 27, 290–301. Doi: 10.1007/s10826-017-0865-7
- Meunier, J. C., & Roskam, I. (2009). How do parenting concepts vary within and between the families? *European Journal of Psychology of Education*, 14(1), 33- 47. doi:10.1007/BF03173473
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244
- Morgado, J., Maroco, J., Miguel, M., Machado, R., Dias, C. (2006). Estilos parentais e suporte social em adolescentes – Relação com o

- comportamento escolar. Évora: Actas do VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia.
- Nunes, F., & Mota, C. P. (2017). Parenting styles and suicidal ideation in adolescents: Mediating effect of attachment. *Journal of Child and Family Studies*, 26, 734–747.
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. O. B., & Schneider, A. M. A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: Análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39(1), 66–73.
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Developmental Psychology*, 53, 873–932.
- Pinto, T. M.; Figueiredo, B.; Pinheiro, L. L. & Canário, C. (2016). Fathers' parenting self-efficacy during the transition to parenthood. *Journal of reproductive and infant psychology*, 34 (4), 343–355. <http://dx.doi.org/10.1080/02646838.2016.1178853>
- Pires, M., (2011). Valores, estilos parentais, stresse infantil e vivência emocional dos filhos. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faro, Portugal: Universidade do Algarve.
- Pires, M., Hipólito, J. & Jesus, S. N. (2011). Questionário de estilos parentais para pais (PAQ-P) - estudos de validação. Actas do VIII Congresso Ibero-americano de Avaliação /Evaluación Psicológica & XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos (pp. 760-770). Lisboa, Portugal: Sociedade Portuguesa de Psicologia
- Pires M., & Paz, T. (2016). Parenting Styles Perceived by Teenagers and School Achievement. In EADP (Ed.). Proceedings of 17th European Conference on Development Psychology (pp. 267-273). Bologna, IT: MEDIMOND s.r.l. ISBN 978-88-7587-733-0
- Sanders, M. R., & Woolly, M. L. (2005). The relationship between maternal self-efficacy and parenting practices: Implications for parent training. *Child: Care, Health and Development*, 31(1), 65-73.
- Santos, M. J. S., Gaspar, M. F., Azevedo, A., Homem, T. C, Leitão, S., Pimentel, M., & Major, S. (2014). *Prevenção/intervenção precoces em distúrbios de comportamento: Eficácia de programas parentais e escolares*. Coimbra, Portugal: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Silva, J., Morgado, J., & Maroco, J., (2012). The relationship between Portuguese adolescent perception of parental styles, social support, and school behaviour. *Psychology*, 7, 513-517.
- Sorkhabi, N. & Middaugh, E. (2019). Domain-specific Parenting Practices and Adolescent Self-esteem, Problem Behaviors, and Competence. *Journal of Child & Family Studies*. 28 (2), 505-518. Doi: 10.1007/s10826-018-1270-6
- Spera, C. (2005). A Review of the Relationship Among Parenting Practices, Parenting Styles, and Adolescent School Achievement. *Educational Psychology Review*, 17(2), 125-146. Doi: 10.1007/s10648-005-3950-1